

Uma Igreja mais humana: elementos antropológicos no magistério do Papa Francisco

A more humane Church: anthropological elements in Pope Francis' teaching

Romildo Henriques Pinas

Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, Brasil

Resumo

O presente estudo ocupa-se em fazer uma abordagem dos elementos antropológicos no magistério do Papa Francisco. Para essa tarefa foi necessário retomar o cenário antropológico do mundo atual, bem como os elementos constitutivos da sua prática pastoral. O estudo empenhou-se em situar o itinerário do Papa relacionando-o com a vida da Igreja latino-americana e o Concílio Vaticano II. Francisco apresenta, em seus escritos, uma antropologia integral e integrada à vida eclesial, ou seja, toda pessoa é por natureza relação, abertura ao outro e a Deus. O artigo é concluído com a apresentação da antropologia presente na *Laudato Si*, onde fica evidente o esforço de Francisco em propor uma antropologia cristã integral.

Abstract

The aim of this paper is reading into anthropological elements in Pope Francis' teaching. For this approach, it was necessary to sum up the anthropological context of the present world, as well as the constitutive elements of Francis's pastoral teaching. To this purpose, the article looks back at Pope's itinerary relating it to the life of the Latin American Church and the Second Vatican Council. Francis proposes in his writings an integral anthropology, also integrated with ecclesial life, that is, every person is by nature a relation, openness to the other and to God. The paper concludes with the presentation of anthropology present in *Laudato Si*. In the Encyclical, Francis's effort to propose an integral Christian anthropology is evident.

Palavras-chave

Papa Francisco.
Antropologia.
Vaticano II.
América-Latina.
Magistério.

Keywords

Pope Francis.
Anthropology.
Vatican II.
Latin-America.
Magisterium.



Introdução

A Igreja sempre se ocupa das questões humanas, e tem seu fundamento na prática do amor a Deus e ao próximo. No decorrer de sua história colhemos belos exemplos de pessoas que doaram suas vidas em favor do outro, seguindo, assim, o exemplo de Jesus Cristo. A comunidade cristã primitiva foi alicerçada no sangue dos apóstolos e mártires, projetando essa realidade no decorrer de sua história. “*Não há maior exemplo de amor que doar a vida pelo irmão*”.

O texto abaixo se ocupa da compreensão antropológica nos ensinamentos do Papa Francisco. Seu modo de ver o ser humano está em conformidade com sua prática pastoral antecedente, bem como relacionada aos desafios do mundo atual. Ao recordar a história da Igreja, Francisco assume uma postura antropológica sustentada na prática do amor e da solidariedade. A pessoa não pode viver uma vida ensimesmada, isolada dos demais. Para isso, o homem completo é alguém capaz de se relacionar, abrir-se aos demais na prática do amor fraterno.

Em primeiro momento, o estudo procura contextualizar a antropologia cristã à luz dos desafios da secularização e de tantos reducionismos antropológicos. Ao situar o cenário onde acontece a experiência eclesial do Papa Francisco, não podia ficar fora o contexto antropológico latino-americano e do Concílio Vaticano II, fonte abundante na qual ele bebe seus ensinamentos. O trabalho ocupa-se também da visão de homem apresentada pela eclesiologia de Francisco. Ou seja, o Papa, diante da crise antropológica do mundo atual, procura em seus ensinamentos propor uma abordagem humana: humanista, solidária e verdadeiramente forjada nos fundamentos cristãos. Uma antropologia do amor. Finalmente para tentar aprofundar os valores antropológicos presentes nos ensinamentos de Francisco, o estudo se dedica a dois documentos: *Amoris Letitia* e *Laudato-Si*, buscando explorar os elementos fundamentais da antropologia do Papa presentes aí.

Como podemos ver, Francisco confronta as lições do evangelho com o mundo atual, onde o fechamento e a solidão criam muros, impedindo a pessoa de viver a sua verdadeira dignidade de filha de Deus. O orgulho e a ambição

pelo poder, a injustiça e a desigualdade, tudo de mau presente no mundo atual, faz a sociedade negar valores imprescindíveis para a conservação da vida e da dignidade humana: injustiças, exploração e destruição do meio ambiente são sinais visíveis de um mundo perdido em práticas anti-humanas. As raízes dos problemas sociais, ecológicos e familiares têm sua origem em uma antropologia reducionista, onde o ser humano não consegue enxergar o verdadeiro sentido da vida. Os ensinamentos de Francisco desafiam a Igreja a uma prática cada vez mais sedimentada em Jesus Cristo e no Evangelho. Não há como ser cristão sem a prática da solidariedade e do amor fraterno.

O ser humano frente ao processo de secularização: uma Igreja em desafios

O cenário eclesial - antropológico atual

Para entendermos a antropologia do Papa Francisco, bem como os desafios eclesiais do mundo de hoje, certamente, temos por primeiro nos situar no cenário sociocultural hodierno. Mais que nunca, deparamo-nos com uma sociedade marcada pelo sofrimento contundente de um mundo aparentemente desgovernado. As pessoas vivenciam intensa solidão, descrença no futuro e vazio existencial. Diante de forte secularização, a Igreja vê seu espaço de ação reduzido, somando-se a isso os escândalos sexuais e outras debilidades concorrem para ofuscar o sentido e a verdade do evangelho. Mesmo sem a devida profundidade, de forma breve, veremos alguns elementos desse cenário, para, logo depois, entrarmos em algumas características da antropologia do Papa Francisco, valiosas para entender sua atuação no governo da Igreja.

As questões relacionadas ao acontecer da cultura são diretamente tocantes à pessoa e ao seu mundo. Desse modo, as perguntas fundamentais sobre o ser humano voltam-se diretamente para o seu viver, sua história e suas ações. Compreender a pessoa, como algo dinâmico e situado, sempre foi e continua sendo o desafio para a fé cristã. É impossível extrair a pessoa de seu

meio para obter dela uma compreensão de fato mais globalizante; isso não é diferente quando abordamos as questões ligadas à vida cristã e eclesial, pois elas estão situadas em uma realidade mais ampla e complexa. O esforço de uma antropologia integral marca o percurso de vários seguimentos da teologia hodierna: trata-se de uma postura que contrapõe, de forma contundente, uma visão de ser humano esfacelada pelo esvaziamento da metafísica e a aguda crise nos fundamentos constitutivos da ideia do ser. A razão instrumental visa ao imediato da experiência, ignorando o valor da busca do sentido transcendental-religioso para a existência. (VAZ, 1992, p. 93-94).

Não podemos pensar que somente na atualidade a Igreja vive uma crise antropológico-religiosa. Às vezes temos a tentação de acreditar que o tempo atual é o portador de todos os males. Ao mesmo tempo, imaginamos ter havido, em algum lugar do passado um momento ideal para a pessoa viver sua fé, sua experiência cristã. Em cada momento da história foi exigido do ser humano novas adequações como superação de obstáculos culturais, sociais e religiosos. A fé cristã, confrontada com a história e o evoluir da cultura, quando inserida na multiculturalidade dos povos, continuamente se viu na necessidade de inculturar-se para que a verdade do evangelho pudesse chegar até os diferentes povos (PANNENBERG, 1977, p. 87)¹. Desde o encontro com o helenismo, passando pela escolástica e chegando até a modernidade, em todos os tempos, sem perder a identidade originária, a Igreja viveu o impacto do novo e esforçou-se processualmente na superação das dificuldades, procurando manter seus valores inalienáveis. À tradição não cabe um fixismo sedentário, negando a historicidade e as mediações culturais, como fala padre França: trata-se de um contínuo processo de conversão (MIRANDA, 2017, p. 22s).

O desafio dialético entre o antigo e o novo atinge também a Igreja. Ela não deixa de sofrer as consequências disso, pois mesmo sendo portadora de uma verdade plena que é Jesus Cristo e sua palavra, na sua expressão visível precisa das mediações para exprimir sua realidade. Ela é formada pela comunidade de humanos, marcada por todas as contingências e percalços da

¹ É notável em momentos da história onde houve a intenção de distinguir a revelação da história, ou seja, criando uma oposição, vemos tal evento na teoria teológica da cultura que ocorrerá depois da primeira Guerra mundial.

história. É nesse contexto que podemos entender os conflitos e crises no acontecer eclesial (MIRANDA, 2017, p. 30). A Igreja não fala para um indivíduo abstraído de sua realidade cultural, antropológica e histórica: para ser efetiva, a mensagem não pode ser anacrônica e abstrata; ela carece de emergir da realidade concreta da pessoa. Sempre vai nos desafiar a seguinte pergunta teológica: como uma verdade particular e situada em um lugar pode assumir uma validade universal? Nessa pergunta está o sentido desafiador da fé cristã em afirmar a validade salvífica de Jesus de Nazaré, o Messias encarnado.

O mundo atual, desde o auge do processo de secularização, iniciado com a modernidade, passa por uma crise profunda. Vivemos um esvaziamento dos valores advindos da tradição e instituições milenares se veem desmanteladas ou colocadas em dúvida constantemente. A “era do vazio”², como já nos disse a sociologia ou a “a era líquida” deixa um rastro de descrença, de fragmentação antropológica, produzindo dúvidas e incertezas. O mundo atual depara-se com uma “era secularizada”³ onde há uma progressiva emancipação da tutela religiosa. Estamos diante de uma sociedade pluralista (MIRANDA, 2006, p. 181s). Há uma emancipação das questões concernentes à fé e à religião como expressão da autoafirmação humana, opondo-se às posições clericais de domínio autoritário, com isso, perdendo também a referência ao Deus da Bíblia como sentido último para a existência (PANNENBERG, 1988, p. 5s). Há uma privatização do religioso e uma subjetivização da fé: isso ocorre conforme os desejos mais imediatos da pessoa; trata-se da religião supermercado, em que o indivíduo escolhe aquilo que mais lhe apetece. Certamente, todo processo de secularização, como podemos ler em vários autores, não é algo surgido à margem da Igreja, mas dentro da cultura ocidental que não pode ser separada em dois blocos: de um lado o cristianismo e de outro a vida secular.

O estranhamento entre vida secularizada e cristianismo foi característica nítida da modernidade. O rompimento com o modelo monolítico

² “A era do vazio” título da obra de Gilles Lipovetsky traduzida pela editora portuguesa Relógio D’Água, publicada na versão em português em 1983.

³ Sobre o tema da secularização, ver a obra “Uma era Secular” de Charles Taylor publicada pela Editora Unisinos.

da cristandade e a emergência do modelo antropocentrista abre caminhos para uma pluralidade de expressões culturais e religiosas. O processo de desencantamento, não se esquecendo também da busca do *florescimento humano*, reforçado pela noção de autonomia e liberdade, tudo isso somado, leva a um novo modo de viver a relação com o sagrado, ou seja, um novo *imaginário social e religioso* (TAYLOR, 2008, p. 197s). O longo caminho traçado desde o Renascimento, sobretudo com o florescer do novo modo de praticar a racionalidade, gera um processo de desencantamento, surgindo forte centralização na subjetividade humana; isso chegará ao ponto máximo com o Iluminismo. Emerge um novo modelo de sociedade e de ser humano. A razão assume a supremacia no proscênio da cultura.

Com o passar dos séculos, o poder industrial vai sendo ampliado; aos poucos estamos diante da hegemonia do poder econômico, onde, mesmo em momento de crise, as grandes organizações financeiras lucram bilhões em cima dos pobres. A razão afasta de sua finalidade fundamental a de responder às grandes questões ontológicas; ela passa se orientar por um racionalismo funcional de produção. Em tal contexto, presenciamos o esvaziamento do sentido do ser, caindo no esquecimento aquilo que foi conquista de mais de dois mil anos do pensamento ocidental. Junta-se a isso um infindável pluralismo de ideias e princípios, nas muitas vezes, forjado na superficialidade da imediatez dos desejos. A pessoa é enredada na trama dos imperativos do bem-estar, da felicidade pessoal, do hedonismo, do consumo desmedido e do vazio existencial causador de suicídios, depressão e sofrimento (MIRANDA, 2017, p. 59).⁴ O cenário atual, como vimos acima, não deixa de ser bastante alarmante para a vida da Igreja. Isso já era percebido nos tempos que antecederiam a convocação do Concílio Vaticano II.

⁴ O livro de Henrique C. de Lima Vaz: *Escritos de filosofia III - Filosofia e Cultura*, publicado pela Loyola em 1997, numa profunda abordagem filosófica, trata o problema da crise de sentido na modernidade. Não há como expor aqui, mas o autor mostra um esvaziamento do ser e uma inversão do sentido na ontologia moderna resultando em um ataque contundente à metafísica clássica.

O Vaticano II e a América Latina: a Igreja ao encontro do ser humano

Não há como falar dos pilares eclesiais da antropologia do Papa Francisco sem recorrer ao Concílio Vaticano II e sua recepção na América-Latina como marco obrigatório de um processo. O atual Papa é filho de um tempo, sua teologia é a teologia renovada pelo espírito conciliar. Muitos elementos antropológicos sistematizados no Vaticano II voltam à baila nas suas alocuções, homilias, documentos e pronunciamentos. Veremos abaixo algumas características do cenário conciliar, bem como alguns elementos marcantes daquele momento eclesial na Igreja universal e na América Latina.

O mundo vivia um momento eminentemente novo. O processo de inovação industrial revelava um progresso sem precedentes. Entretanto, injustiças e crises sociais culminavam em instabilidades como a revolução bolchevista e o nascimento da União soviética. No início do século XX, deparamo-nos com uma Igreja mais centralizada e reacionária aos avanços científicos, resquícios do esforço inadequado de diálogo do Vaticano I. Pio X fortificou uma organização *ad intra* na Igreja, mas reprimiu o diálogo com a sociedade e com a ciência; fez uma caça formal contra os teólogos reformistas, censurando a diversidade e o pluralismo (SOUZA, 2004, p. 18). Diante da primeira grande Guerra, a modernidade vive uma forte crise: dúvida diante da crença na razão, no progresso, no nacionalismo, na força do capital e no socialismo. Depois de Pio X, Pio XI vai desenvolver seu pontificado dentro de uma sociedade marcada pelos movimentos políticos radicais: nazismo, fascismo e totalitarismo stalinista. A Ação Católica vai inserir os leigos no contexto da modernidade e os problemas da sociedade vão aos poucos entrando para o seio da Igreja: JEC, JUC, JOC, ACO, JAC e JIC exprimem o engajamento da sociedade em um novo modelo de vivência da fé (SOUZA, 2004, p. 20). É no papado de Pio XII que vai ressurgir o projeto de uma civilização cristã. Tempos conturbados marcam a vida da sociedade. Nessa época, estamos diante de um magistério aristocrático e com ar de superioridade, Pio XII pode ser compreendido pelo conteúdo de suas mensagens: rejeitou as doutrinas evolucionistas, existencialistas e historicistas; praticou muitas intervenções na teologia católica, aplicando censuras a Maritain, Congar, Chenu, De Lubac, Mazzaloni,

Milani e aos padres franceses (SOUZA, 2004, p. 22). Ele via de forma positiva as reformas, mas a prudência sobrepunha a adesão a elas. Ele centralizou o governo da Igreja, combateu a *nouvelle théologie* na encíclica *Mystici corporis* e a *Humani generis* reage à teoria evolucionista. O livro “O fenômeno humano” foi impresso por editora não católica. A crise era forte também dentro da Igreja: via-se a necessidade da convocação de um concílio, Trento vai ficando para trás e começam a surgir fendas de diálogo com a modernidade. Estamos diante do cenário propício para o Vaticano II.

A resposta mais expressiva da Igreja ao mundo secularizado ocorreu com a realização do concílio Vaticano II. Ao convocar o Concílio, o Papa João XXIII já exprimia o contexto de crise vivenciado na sociedade: o mundo moderno, deslumbrado com as conquistas da técnica e do poder da ciência, prescinde de Deus e enfraquece os anseios espirituais (João XXIII, Papa, *Humanae Salutis*, 3). Tudo isso facilita, sem dúvida, o apostolado da Igreja, pois muitos que ontem não percebiam a importância de sua missão, hoje, ensinados pela experiência, estão mais dispostos a acolher suas advertências (João XXIII, Papa, *Humanae Salutis*, 4). Diferente do que ocorreu no Vaticano I, agora a Igreja se coloca numa postura dialogal, aberta aos desafios sociais e antropológicos dos tempos. No discurso de abertura “*Gaudet mater Ecclesia*”, João XXIII convida a olhar com confiança as relações Igreja-mundo (SOUZA, 2004, p. 34). Não vamos adentrar aqui nos documentos conciliares, mas, ao lê-los, podemos visualizar o desejo do Papa Francisco, perpassando como um fio de Ariadne a todos os textos. A Igreja busca resposta aos desafios do momento. O Vaticano II foi a resposta mais consolidada ao mundo secularizado e à modernidade racionalista. Como entendeu João XXIII, tratava-se de um novo Pentecostes para a Igreja, ou seja, o Espírito Santo atua e renova a experiência dos fiéis, vivifica e faz progredir a própria Tradição rejuvenescendo a Igreja perpetuamente (*Dei Verbum* 8; *Lumen Gentium* 4). Em novos tempos e, desafiada de todos os lados, a Igreja se vê na exigência de *aggiornamento* atualização - e diálogo (MIRANDA, 2006, p. 15). Não dá mais o modelo de cristandade relutante em persistir mesmo na modernidade. O concílio vai entender a Igreja como mistério, povo de Deus: respeita o específico dos ministérios, mas, sobretudo a dignidade de todos; a centralidade cede lugar à

colegialidade, o laicato emerge como força eclesial (sujeito) e a valorização da Igreja local com suas características culturais respeitadas (MIRANDA, 2017, p. 43). Já vislumbramos uma Igreja em saída, termo tão usado pelo Papa Francisco.

É um Concílio contumaz em romper com uma ideia de Igreja voltada para si mesma e em autodefesa, mas aberta ao diálogo e à condição de sacramento de salvação para o mundo. Os problemas humanos, seus sofrimentos e pecados são também parte da vida da Igreja: ela como mãe, para usar uma palavra de H. de Lubac, sofre com seu povo (H. De Lubac, 1968, p. 270). Podemos falar de uma eclesiologia do encontro com o ser humano no lugar em que ele se apresenta. Nesse sentido, não há como separar a missão evangelizadora da Igreja num mundo uniforme, marcado por regras e rubricas, verticalmente homogêneo para um lado e, para outro o povo permeado pelos sofrimentos, angústias e pecados. A Igreja do Vaticano II se mostra atenta aos sinais dos tempos e os interpreta à luz do Evangelho, buscando responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações sobre o sentido da vida presente e futura (*Gaudium et Spes* 4). A Igreja abre-se ao ser humano situado no mundo, abre-se ao diálogo com as ciências e aos valores democráticos e de liberdade. Ela se mostra como “sacramento universal de salvação” (*Lumen Gentium*, 49). A Igreja não pode negar o *lugar social* onde o ser humano se encontra. “Não é o evangelho que muda: somos nós que começamos a compreendê-lo melhor”, disse João XXIII ao Cardeal Cicognani e ele ainda constata: “A Igreja se apresenta tal como é e quer ser, como Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres” (BEOZZO (Org.), 1985, p. 23).

Os padres conciliares estavam diante de um mundo marcado por conquistas e derrotas, inclusive de duas grandes guerras com milhões e milhões de inocentes mortos. Rahner nos recorda a necessidade de pensar uma Igreja que desponta como humilde peregrina através do tempo, a Igreja dos pecadores, dos fracos, e dos sofredores, para se transformar na rainha e noiva sem mácula (RANHER, 1966, p. 43)⁵. A antropologia conciliar não pôde deixar

⁵ A definição de Igreja como Povo de Deus rompe com o conceito institucional unilateralmente jurídico e com a concepção de que a Igreja se identificava com o clero e de que os leigos desempenhavam um papel passivo (SOUZA, 2004, p. 58).

no silêncio os milhões e milhões de pobres dos países pobres, injustiçados por um poder opressor atuante como aves de rapina, como sanguessugas sobre os injustiçados. A esperança do Evangelho urge chegar até eles. O termo pobre, mesmo se “*in recto*” aparece pouco nos textos conciliares, indiretamente, “*in obliquo*” podemos detectá-lo nos documentos, quando falam da prática da caridade e das questões implicadas no mundo do trabalho e dos direitos humanos. Tal posição conciliar abrirá possibilidade para a “opção pelos pobres” como elemento central do debate dos documentos Latino-americanos. Para Rahner, o Vaticano II demarca o início de um começo de renovação a ser transformado em espírito e vida (Rahner, 1966, p. 24). O diálogo e a renovação será um movimento contínuo na cultura e na Igreja.

Todo diálogo, seja ecumênico ou com outras religiões, antes deve ser um diálogo com a cultura. Ela é um “*medium*” intransponível para o encontro com o outro e com sua realidade. O Concílio Vaticano II, mesmo sem apresentar uma compreensão da relação fé e cultura, tal como a temos hoje, representa uma tomada de consciência inédita na história da Igreja, desencadeando um processo de reflexão e de ação nos anos seguintes (MIRANDA, 2006, p. 25). A linguagem da fé, obrigatoriamente, deve se ver confrontada com a linguagem secular. Sempre devemos nos perguntar: o ateu tem algo a nos dizer? Onde a nossa história intercrusa? (MOINGT, 2018, p. 115).

Na América Latina, o Vaticano II será recebido e assimilado nas conferências episcopais de Medellin, Puebla, Santo Domingos e Aparecida. Um subcontinente marcado pela incoerência entre fé e vida, ou seja, a região mais católica do mundo, com uma das maiores desigualdades sociais e injustiças gritantes. Estruturas insensíveis e modeladas pelo poder dominador do mercado e do capital, realidade onde milhões de pessoas vivem de forma miserável: são negros, indígenas e tantas outras categorias que gemem por alívio em seus sofrimentos (POTTMEYER, 1988, p. 279) ⁶. A Igreja, pela inculturação da mensagem conciliar, busca de forma concreta dar uma resposta para as dores e sofrimentos desse povo (*Gaudium et Spes*, 1). As conferências episcopais exprimem a recepção do Vaticano II e a comunhão com a Igreja universal de

⁶ Nesse capítulo o autor aborda o tema da contribuição do cristianismo para uma humanidade solidária.

forma adulta, ou seja, não se aceita mais o mimetismo vivido no período colonial. Os desafios das injustiças e os anseios do reino como fermento de libertação movem essa Igreja para modos concretos e inculturados de viver o Evangelho (BEOZZO (org.), 1985, p. 17s).

Não era possível uma vida eclesial autêntica com tanta injustiça e sofrimento. O povo latino-americano, impulsionado pela ideia de uma Igreja pobre, missionária e pascal, reage diante das injustiças. Se o concílio não tratou tanto da questão dos pobres como um dos temas do diálogo com o mundo e a dimensão ecumênica, por sua vez, abriu nas suas entrelinhas possibilidade para as Igrejas particulares fazerem isso. A teologia da libertação, as CEBs e os círculos bíblicos foram a efetivação desse anseio presente nas periferias do mundo⁷. A *Populorum Progressio* foi uma clarinada na América Latina (BEOZZO [Org.] 1985, p. 36). Os pontos que a *Gaudium et Spes* deixou ausentes ou foram amaciados pela influência do opulento Velho Mundo, emergem na encíclica com força impulsionadora. O “surdo clamor” começa a ser ouvido e a Igreja, povo de Deus, vê-se profeticamente envolvida com as questões mais concretas: miséria, injustiça, fome, doenças, exploração e, tudo aquilo a ferir a dignidade da pessoa, deve ser assumido pela mensagem do reino. Medellín afirma, de forma categórica, a opção pelos pobres. A Igreja deve ser pobre com os pobres, assumindo atitude perene de humildade e conversão. Não é apenas uma sensibilidade da Igreja para com os sofredores: ela assume em Jesus Cristo e com Ele a opção preferencial pelos pequenos, pelos sem voz. Não há reino de Deus sem justiça e solidariedade; é na prática do amor fraterno que haverá cumprimento pleno da missão salvífica de Cristo (Medellín, 7). Na América Latina, magistério, prática pastoral e teologia assumem as agruras aplicadas aos pequenos, fato resultante da desigualdade e das injustiças impostas contra os fracos como amarras do sistema capitalista desumano.

O testemunho da Igreja reflete sua opção: vários bispos, padres, religiosos, leigos e lideranças sofrem perseguições e ameaças. Mesmo não sendo reconhecidos pelos que representavam o poder central da Igreja do Velho

⁷ Sobre esse tema, ver a obra de Francisco de Aquino Júnior: *Nas periferias do mundo - fé-Igreja-Sociedade*. Paulinas, 2017.

Mundo, muitos mártires deram sua vida pelos pobres⁸. Também no documento de Puebla, a Igreja continuou insistindo na importância da evangelização dos pobres. Eles são destinatários privilegiados do reino. O rosto visível de Cristo crucificado e sofredor.

O Evangelho como abertura ao outro: elementos antropológicos da eclesiologia do Papa Francisco

Desafios para uma antropologia integral

O cenário eclesial latino-americano deu ao Cardeal Bergoglio ampla evidência dos problemas vividos pelo ser humano do mundo atual. Os sofrimentos, injustiças sociais e desigualdade formam nesse continente uma realidade em que os empobrecidos padecem da falta de dignidade mínima. É um cenário que convida a Igreja a buscar respostas autênticas sobre o verdadeiro sentido da vida humana. A crise pelo processo de secularização amplia cada vez mais seu horizonte e seus efeitos começam a chegar de forma avassaladora também nos países periféricos. O mundo está diante do agnosticismo como traço característico das novas gerações. Descrença, niilismo, indiferença, tudo isso forma o cenário no qual o Papa Francisco exprime a preocupação de pastor da Igreja. A *Evangelii Gaudium* traça de forma projectual a meta pastoral de Francisco.

O Papa tem clareza da verdade necessária manifestada como “alegria do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*, 1), ou seja, a pessoa humana só será totalmente feliz nessa abertura ao mistério pleno revelado em Jesus Cristo. É impossível enxergar uma antropologia completa quando não se vislumbra o ser humano como realidade transcendente. A crise da metafísica é a crise do próprio homem como ser integral (BORMANN; IRLNBORN, 2008, p. 355). Não

⁸ Sobre a questão mencionada, ver a polêmica obra *Rapporto sulla Fede - Vittorio Messori a colloquio con il cardinale Joseph Ratzinger*. Milano: Paoline, 1985. Ratzinger, partindo de uma visão pessimista sobre o Vaticano II acabou desconhecendo todo o movimento da Igreja Latino-americana em favor da libertação dos que sofriam todo tipo de injustiça.

há um projeto integral de homem sem considerar a transcendência, em outras palavras, a dimensão religiosa da pessoa.⁹ O Papa tem em conta desde Aparecida: “só é possível uma evangelização integral quando se olhar para todas as necessidades da pessoa” (Documento de Aparecida, 176). O encontro com Deus se faz obrigatoriamente pela mediação do outro, na superação do individualismo e da tristeza, como *homo socialis*: ninguém será feliz sozinho, isolado, pois a solidão gera tristeza e depressão.

O mundo atual é marcado pelo medo e desespero, cresce a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente (*Evangelii Gaudium*, 52). É preciso lutar para viver, e, em muitas situações, trata-se de viver com pouca dignidade. Numa sociedade de consumo desenfreado, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte. Presenciamos o poderoso engolindo o mais fraco. Francisco constata uma realidade em que o ser humano é considerado, em si mesmo, como bem de consumo, um objeto entre outros; pode ser usado e depois jogado fora. Estamos diante da cultura do “descartável” (*Evangelii Gaudium*, 53). Podemos falar de uma “precariedade” presente no dia-a-dia da vida, mesmo constatando o progresso em vários campos. Entretanto a exclusão é uma realidade gerada por um sistema econômico excludente e desumano (PEDROSA, 2014, p. 138). A vida é subjugada ou colocada ao mesmo nível das outras coisas ou criaturas: trata-se da reificação do ser humano, uma inversão intolerável no universo antropológico. Há casos, sem desmerecer a dignidade específica dos animais, em que o ser humano é rebaixado ao nível daqueles, ; por sua vez, aqueles são tratados como humanos. Não exemplificaremos, mas tais situações saltam aos olhos no mundo atual.

O apelo ao consumo desenfreado gera continuamente novas necessidades, constrói uma sociedade egoísta, provocando a globalização da indiferença e da miséria. Estamos diante da idolatria do ter e do dinheiro. As crises financeiras fazem-nos esquecer de que, na sua origem, há uma crise

⁹ Para aprofundar o problema do ateísmo e da pergunta sobre Deus, vale a pena pegar a relevante e qualificada obra de Wolfhart Pannenberg ‘Grundfragen systematischer Theologie’ - Gesammelte Aufsätze. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967. Da página 347 em diante vemos as implicações desses temas para a fé cristã.

antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Dificilmente as crises financeiras atingem os privilegiados da economia, sempre são os pobres que a padecem diante das crises e especulações do capital!

Ao mostrar os desafios do mundo atual, o Papa sinaliza para um problema antropológico central, ou seja, o sofrimento que o egoísmo e o fechamento causam para a humanidade. A pessoa torna-se insensível, não consegue compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros (*Evangelii Gaudium*, 54). A ideia que Francisco desenvolve na *Evangelii Gaudium* já estava presente na *Gaudium et Spes*¹⁰. O Papa mostra-se atento às angústias e sofrimentos das pessoas, confrontando isso com a alegria do Evangelho como projeto missionário da Igreja. É notável a dimensão comunitária presente nos dois textos: tanto na *Gaudium et Spes* quanto na exortação do Papa Francisco. O homem não pode viver sozinho, isolado e egoisticamente (*Gaudium et Spes*, 24,30; *Evangelii Gaudium*, 87-89).

Um dos maiores dramas da sociedade atual é o individualismo. Uma de suas características é o fechamento da pessoa às relações e ao mistério: estamos diante da blindagem da consciência humana e da busca de prazeres superficiais (*Evangelii Gaudium*, 2). A vida comunitária, ou seja, os espaços de encontro: Igreja, família e outros lugares sociais não têm importância no mundo atual. A fé vive um fundamentalismo individualista e mesmo Deus não parece importante como alteridade absoluta. Surgem alternativas de espiritualidades fáceis e imediatistas: elas sugerem resolver todos os problemas de forma mágica, não deixando de ser resultado de uma sociedade subjetivista e secular (*Evangelii Gaudium*, 2, 63).

Experimentamos o esvaziamento moral e ético, caindo em forte relativismo e enfraquecimento do sentido de pecado pessoal e social. Uma moral normativa e muito objetiva da Igreja não atende mais aos desafios da subjetividade. Perante essa incompatibilidade reina o relativismo moral ou a indiferença para com os valores antropológico-eclesiais. A família, lugar por excelência da formação e da integração antropológica do indivíduo, vê-se

¹⁰ A *Gaudium et Spes* é citada em dois números da Exortação: 113 e 115.

desbaratada por todas as influências catastróficas da contracultura, dos meios de comunicação e do individualismo pós-moderno (*Evangelii Gaudium*, 66-67)¹¹.

O bispo de Roma recorda uma das tentações mais sérias a invadir o homem contemporâneo: a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e mal-humorados. Pessoas marcadas pelo desânimo e desencantadas. Aquele que começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra seus talentos. O Papa fala de uma “desertificação espiritual” fruto de uma sociedade a se revelar como oponente a Deus, empenhada em destruir as raízes cristãs. Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa: estamos diante de uma psicologia do túmulo, transformando os cristãos em múmias e com caras de vinagre (*Evangelii Gaudium*, 6, 83, 86).

O problema humano é recorrente nos escritos de Francisco. Quando tomamos a *Amoris Laetitia* percebemos também nesse documento o impacto da crise antropológica presente na família. Ela sofre seus dramas e conflitos, pois o cenário antropológico-cultural influi também no espaço familiar, gera individualismo exagerado, produz fechamento e tensões (*Amoris laetitia* 32,33). Liberdade e liberalismo se confundem facilmente no mundo atual: há um permissivismo desenfreado a colocar o “nós” em segundo plano, bem como todos os valores da cultura humana. A antropologia atual é marcada pelo narcisismo em que as pessoas ficam incapazes de olhar para além de si mesmas, de seus desejos e necessidades. Presenciamos um cenário no qual, por vezes, desvaloriza-se a família. Fora de uma antropologia integral, deparamos com a tensão entre culto ao corpo e, ao mesmo tempo, um menosprezo a ele pela sua comercialização e prostituição; a afetividade perde sua profundidade e compromete as relações e a vida matrimonial, resultando em uma busca instável de realização marcada por incertezas e fracassos (*Amoris Laetitia* 39, 41).

A modernidade cria uma ruptura com a estrutura homogênea de sociedade, o modelo de cristandade chega ao seu fim com o advento da razão

¹¹ O texto da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* trata amplamente os problemas e desafios antropológicos vividos pela família no mundo de hoje.

(MIRANDA, 2017, p. 140).¹² Estamos diante de uma privatização da religião e de um agudo liberalismo moral e antropológico. Tanto o indivíduo quanto a sociedade vivem o enfraquecimento da fé e várias crises: falta de uma vida digna, individualismo, falta de trabalho, forte superficialismo nas relações, drogas e violência. Tudo isso propicia um desgaste antropológico sem precedentes (*Amoris Laetitia*, 50-57).

A antropologia subjacente à *Amoris Laetitia* é de cunho familiar, ou seja, diante de todas as questões que envolvem a instituição, certamente, como consequência, reflete na crise dos valores e nos novos apelos do mundo atual. O enfrentamento das adversidades será pelo viés da prática do amor, do perdão e da misericórdia, palavras tão recorrentes no pontificado de Francisco. A caridade é dom recebido na fé. Francisco mostra a misericórdia como arquitrave da vida da Igreja (*Misericordiae Vultus*, 10). Viver o amor ao próximo continua sendo o permanente apelo da vida cristã. O amor é a expressão mais visível do antropológico de Deus no meio da humanidade; daí a solidez da afirmação do evangelista: “Deus é amor” (1 Jo, 4). Francisco mostra-se atento a tal máxima, de que o amor é o coração do Evangelho: “*Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado*” (*Evangelii Gaudium*, 36).

O Evangelho proclama: «Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia» (Mt 5, 7). A misericórdia para com os outros permite-nos sair triunfantes no juízo divino: «Falai e procedei como pessoas que não de ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque, quem não pratica a misericórdia, será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento» (Tg 2, 12-13). [*Evangelii Gaudium*, 193].

A misericórdia é uma virtude para toda família: pais e filhos, todo ser humano, para viver sua completude antropológica carece de receber e compartilhar a experiência de amor. Todos os desafios elencados acima e tantos outros que assolam o mundo de hoje, dificultam a vivência da fé cristã e

¹² Sobre esse tema ver a extraordinária obra de Charles Taylor, *Uma Era Secular*, sobretudo os capítulos 1 e 6 onde o autor lembra o desencantamento do mundo e a forte influência racionalista presente no “deísmo providencial”.

consequentemente uma antropologia integral. O Papa Francisco delinea o arcabouço para lermos os desafios e as perspectivas da realidade humana na ótica da fé cristã. Todos esses problemas somente serão enfrentados quando colocamos nossa história em sintonia com a vida de Cristo Jesus, pois ele se revela como a alegria e a plenitude para nossa existência.

A alegria do Evangelho: Cristo modelo de pessoa

O encontro com Jesus possibilita a superação de uma antropologia reducionista e ensimesmada, favorece a vida comunitária e o diálogo com o outro, constrói verdadeira comunhão fraterna. A pessoa se torna autenticamente humana no encontro com os outros. Não é uma ilha. A boa nova do evangelho propõe uma resposta definitiva para a história humana, sendo que a mensagem central é o próprio Jesus Cristo, como portador do amor incondicional de Deus ao ser humano. Sua vida, morte e ressurreição trazem ao hoje da história o futuro esperado como realização final de todo projeto. (PANNENBERG, 1976, p. 105). O núcleo fundamental, como coração do Evangelho, é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo (*Evangelii Gaudium*, 36). Ao abrir-se aos apelos da mensagem cristã, a pessoa se coloca no seguimento de Cristo Jesus, assumindo o anúncio do reino como lugar de paz e esperança. A vida adquire um sentido novo e renovador, ou seja, a pessoa experimenta a confiança e certeza da fé. Emerge do encontro com Jesus Cristo a luta para superar todo tipo de sofrimento, solidão e egoísmo. A pessoa se envereda num gesto pleno de amor e solidariedade: trata-se de uma atitude mística de verdadeira fraternidade (*Evangelii Gaudium*, 87).

A proposta de uma vida integral confronta-se com a autossuficiência do antropocentrismo atual, pois esse último não deixa lugar para a gratuidade do amor de Deus. O Papa Francisco aborda essa situação quando menciona o mundanismo espiritual, termo recorrente em seus escritos. A arrogância do ser humano não deixa lugar para o despojamento e a abertura ao Mistério. A glória pessoal e o desejo de bem-estar obstruem o caminho para a experiência da glória de Deus como dom oferecido ao ser humano. A pessoa vive o fascínio do

gnosticismo, exprime uma fé fundada no subjetivismo. Há um fechar-se na imanência da própria razão e dos sentimentos. O homem, marcado por um neopelagianismo autorreferencial e prometeico, exprime a posição de quem confia somente nas próprias forças, vive uma fé narcisista, na qual nem Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. (*Evangelii Gaudium*, 94). Trata-se de um imanentismo antropocêntrico, impedindo a pessoa de exercitar-se numa antropologia integral e com fundamentos cristológicos.

Somos convidados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai: somente assim o mundo poderá ser aquele sonhado pelo Criador, correspondendo ao Seu projeto de paz, beleza e plenitude (*Laudato Si*, 53). O ser humano tem poder para intervir ativamente como ação transformadora do mundo, ou seja, trata-se de uma antropologia com possibilidade de ler os dados da criação como sinais do amor de Deus. Mesmo com toda força contrária, a pessoa é capaz de gestos positivos, pois foi criada para amar ao modo de Jesus Cristo (*Laudato Si*, 58). O ser humano, criado por Deus e assumido por Ele em Jesus Cristo, é dotado de liberdade, está capacitado à abertura aos outros e ao mundo. Ele não é alguém predeterminado, mas capacitado ao amor e à misericórdia. Os relatos da criação mostram a dignidade única da pessoa: criada por amor, é capaz de amar e ser amada. (*Laudato Si*, 65; *Evangelii Gaudium*, 178), O reino é a expressão do encontro entre o amor de Deus e o amor dos homens. Ele é o lugar da realização perfeita entre Deus e as criaturas. Trata-se de uma realização integral na qual todas as dimensões estão contempladas; o anúncio da Igreja é o testemunho dessa verdade permanente. O reino tem força renovadora para o sentido da vida em Cristo e para a prática do amor, sobretudo aos mais sofridos e pobres.

O reino é caminho de alegria e realização. Francisco apresenta o propósito de uma Igreja otimista. Não há lugar para uma antropologia degradante e catastrófica. A felicidade é realçada como valor antropológico, tem um fundamento transcendental, ou seja, o ser humano, como criatura, carece de uma resposta primordial para sua existência. O argumento cristológico de sua antropologia é indubitavelmente a resposta ao anseio do encontro de tal sentido, é um argumento do qual exprime a verdade absoluta

da vida revelada em Jesus Cristo. Ele é o primogênito de toda criatura, seu pensamento vai ao encontro do afirmado no evangelho (Jo, 10,10): Jesus é o portador da “vida em abundância”, ou seja, da plenitude antropológica. É notável na antropologia de Francisco: a pessoa só consegue se realizar totalmente quando opta pelo encontro pessoal com Jesus Cristo, Ele é o destino de realização integral. Sua vida nos impele para andar adiante! É motivo de regozijo: “Exultai de alegria”! A criação inteira participa nesta alegria da salvação: “Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! rompei em exclamação, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados” (Is 12,6; 49,13). Os evangelhos expõem a novidade cristã: Deus se revela como o Deus da vida, Deus de amor. A plenitude desse amor ao ser humano ocorre na encarnação: vida, morte e ressurreição de Jesus.

A mensagem cristã é uma mensagem de alegria, por isso a chamamos de “boa notícia”; em toda sua trajetória, desde o nascimento de Jesus até as origens da Igreja, temos presente essa verdade. “Alegra-te” foi a saudação do anjo a Maria (Lc 1,28). O mesmo ocorreu quando Maria visitou sua prima: a presença do Salvador faz a criança saltar de alegria no seio de Isabel (Lc 1,41). O *Magnificat* repete o tema da alegria como expressão antropológica do mistério da encarnação (Lc 1,47). A mensagem de Jesus é fonte de alegria para os que ouvem (Jo, 15,11). “Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria” (Jo, 16,20; 16,22). Depois da ressurreição, mesmo nos tempos mais difíceis das comunidades, a alegria estava sempre viva com os primeiros seguidores de Jesus. (*Evangelii Gaudium*, 5).

O tema tratado aqui obriga o indivíduo a levantar uma pergunta: por que a mensagem do evangelho é portadora de alegria? Certamente há muitas respostas para a questão, mas vamos concentrar em dois aspectos: o reino e o próprio Jesus Cristo como verdade.

A mensagem do reino, como já mencionado acima, é uma proposta de vida e libertação. O evangelho abre caminho para a concretização dos sonhos e esperanças, muitas vezes ocultos pelas fragilidades e sofrimentos. O reino é para todos de boa vontade, mas, sobretudo para os pobres e pequenos, aqueles sem voz nem vez. Participar do reino é estar aberto à ação do Espírito, pois é

Ele quem dinamiza a prática do amor (Gl 6,2). A caridade emerge como dado fundamental do reino: trata-se do compromisso de servir uns aos outros, sobretudo os pobres e necessitados. (MIRANDA, 2015, p. 102). O amor não se efetiva somente a partir de uma ação vazia, mas é uma atitude de encontro com o outro, uma experiência compreendida para além de uma pura doutrina. Por mais que se façam teologias do reino, tratados sobre o amor, tais conceitos só serão concretizados na experiência vivida pelas pessoas na comunidade humana. O Papa Francisco, nos vastos pronunciamentos escritos ou orais, reafirma essa verdade da mensagem cristã. A fé cristã não pode tornar-se um puro princípio abstrato e simplesmente conceitual; sua possibilidade somente ocorre no autêntico encontro com Jesus. Os fundamentos morais para o homem devem ter carne e osso, bases sólidas na experiência pessoal com Jesus Cristo. Desse modo, a fé cristã sai de seus universalismos e volta concretamente para o ser humano no exato lugar onde ele se encontra. Rompe-se o círculo da norma pela norma, possibilitando verdadeira adesão cristã (CARLOTTI, 2018, p. 22s).

Em vários pronunciamentos do Papa Francisco, nota-se o desafio antropológico para a vivência do projeto cristão. O reino é o lugar do encontro, da intersubjetividade, revelando as sombras do subjetivismo antropocêntrico do mundo hodierno. O ser humano só consegue se realizar no contato com os outros e na sua abertura a Jesus Cristo. Nesse estado de coisas está o núcleo antropológico-ecclesial dos ensinamentos do Papa. Somente podemos ser felizes inseridos no horizonte do amor, cumprindo assim o projeto de Deus desde sempre para nós. Diante de tal compreensão, notamos um princípio antropológico gerador de comunhão, solidariedade, sensibilidade com os sofredores. O pobre tem um lugar por excelência na realização do reino. A Igreja, como portadora da boa nova revelada por Cristo Jesus, deve ser a Igreja dos pobres e sofredores. Uma antropologia alheia ao próximo não tem lugar na teologia do Papa Francisco. A Igreja deve ser “pobre para os pobres” (AQUINO, 2018, p. 11; *Evangelii Gaudium*, 198).

Abrir-se ao reino consiste em sair da nossa autorreferencialidade, ou seja, no encontro com Cristo experimentamos o verdadeiro sentido de nossa vida, a plenitude para a qual somos destinados. Portanto, Jesus Cristo é o

centro a partir do qual toda a história sustenta a plenitude de seu significado. (GÓZDŹ, 1988, p. 73). Nessa mesma perspectiva o Papa Francisco afirma: “*Chegamos a ser plenamente humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro*” (*Evangelii Gaudium*, 8). A vida autêntica e integral exige da pessoa um extravasar do próprio ser na prática do amor: amor a si próprio, aos outros e a todas as criaturas. Estamos diante de uma antropologia vinculada ao fundamento de Jesus Cristo.

Finalmente, podemos constatar o conflito entre a condição atual do ser humano e o apelo do reino como possibilidade de realização antropológica. A pessoa dá grande valor à sua subjetividade, liberdade e autonomia. Entretanto, ao mesmo tempo, a antropologia cristã pede uma abertura ao outro, ao mundo e, sobretudo a Deus. Interioridade e abertura constituem a dialética da realização do ser pessoa. São dimensões desenvolvidas de forma inter-relacionada, em um mesmo e único dinamismo (PEDROSA, 2014, p. 136). A pessoa somente se reconhece como tal na integração da identidade e alteridade, o que somente é possível pelo movimento integrador da pessoa com o outro e com o mundo. Podemos falar da necessidade de uma solidariedade cósmica, universal, evento somente possível na realização cristológica da pessoa e de toda criação. Ou seja, o mundo destina-se a um fim bom desde sua origem, ele caminha para Deus como destino final da criação.

Uma antropologia integral à luz da *Laudato-Si*

A *Laudato Si* pode ser lida como um belo tropário à vida humana e a toda criação. O Papa Francisco, salvo engano, pela primeira vez na história do Bispo de Roma, publica uma Encíclica exclusiva sobre o problema ecológico, entendendo aqui ecologia em sentido integral, pleno. A Igreja, diante do pecado humano da destruição do planeta e da variegada atitude de agressão ao ser humano e a toda criação, propõe a esperança cristã como resposta eficaz para recolocar a pessoa no verdadeiro caminho a ela destinado como imagem

de Deus. A Encíclica traz uma antropologia integradora do homem com a natureza. Estamos diante de uma nova antropologia onde tudo está interligado (BAKKER, 2016, p. 163). Toda criação fala do amor de Deus ao ser humano. Isso já estava presente no *Cântico das Criaturas* do *poverello* de Assis, ou seja, o homem consciente de si, abre-se ao grande mistério envolvente da criação, contempla com profundo encantamento espiritual todas as coisas criadas. O Papa faz perceber o *Cântico das Criaturas* como uma expressão da divindade sublime presente na criação (*Laudato Si*, 12). É um hino de louvor a Deus unificador de tudo que foi criado. Toda a grandeza do ser humano expande para seu entorno, formando uma unidade harmoniosa como bela ciranda da vida. A *Laudato Si* manifesta o esforço do Papa Francisco em integrar o ser humano ao mistério do mundo criado: propõe uma antropologia integral, onde a pessoa obrigatoriamente deve assumir o mundo como casa comum, como mistério do amor de Deus e lugar da realização do projeto de vida e da dignidade individual e coletiva.

A Encíclica se inicia com um “Louvado seja meu Senhor”. Ela resgata o *Cântico das Criaturas*, apresentando nossa casa comum ora como uma irmã com quem partilhamos nossa existência, ora como mãe a nos acolher em seus braços. A mãe terra nos sustenta (*Laudato Si*, 1). A terra é casa acolhendo a vida, por isso a ecologia deve se ocupar com o valor de toda criação; todavia, sem deixar em segundo plano o valor infinito da pessoa humana. Homem e mulher são a menina dos olhos de Deus na criação, pois foram criados à imagem e semelhança dele (*Laudato Si*, 65). O criador conferiu ao ser humano uma dignidade única, pelo que, tudo o que venha atentar contra a vida e contra o planeta é agressão também e, sobretudo, ao ser humano.

De forma detalhada, a Encíclica trata os problemas ecológicos que assolam o mundo atual, o problema da poluição e as mudanças climáticas (*Laudato Si*, 20s); a poluição e falta d’água para milhões de pessoas (*Laudato Si*, 27s); a destruição da biodiversidade por uma mentalidade extrativista desenfreada, reduzida ao desejo produtivo e capitalista. O resultado disso é desmatamento, poluição e extinção de várias espécies de plantas e animais (*Laudato Si*, 32s). Estamos diante da deterioração da qualidade de vida humana

e a degradação social. A atitude utilitarista, usada em relação às coisas materiais, acaba atingindo também as relações humanas: exploração, cultura do descarte, pragmatismo de vida nas grandes cidades, droga e violência. Tudo isso, são alguns sinais de um progresso despreocupado com a vida e a dignidade integral da pessoa humana (*Laudato Si*, 43s). São pecados a desorientarem o ser humano e toda criação diante do projeto de Deus (*Laudato Si*, 8).

A notável novidade antropológica, presente no documento, está em romper com um antropocentrismo fechado, desespiritualizado. Pode-se falar de uma cosmovisão antropológica, na qual o homem não está sozinho no mundo e, nem é o “dono do mundo”: trata-se de uma abordagem sistêmica ou holística, relacional e espiritualizada (BAKKER, 2016, p. 160). O Papa recorda o amor de Francisco de Assis pela criação de Deus e pelos pobres. Ele tinha um coração universal e harmonioso com tudo aquilo presente em sua volta. Sua reação ao contemplar o sol, a lua e os animais era cantar e louvar a Deus por toda criação (*Laudato Si*, 11). Todo o cosmos louva a Deus! Não ter isso em mente é reflexo de uma trajetória onde o antropocentrismo radical se fez presente em todas as ciências na modernidade, inclusive na teologia (Gesché, 2004, p. 1). A antropologia da *Laudato Si* volta à criação num propósito de conversão. Em outras palavras, o ser humano não está sozinho e nem se realiza no isolamento, todo o universo concorre para a permanente realização do projeto de Deus. Como diz o apóstolo: “Toda a criação geme e sofre como que dores de parto” (Rm 8,22). Na ressurreição de Cristo toda a criação se vê salva e renovada (2 Cor, 5,17). Qualquer atitude de agressão, tanto ao ser humano quanto à natureza vai contra o projeto de Deus. Todo capítulo primeiro da Encíclica relata um cenário de violação da dignidade do ser humano e da criação. Esse modo de vida opõe-se ao sentido originário do projeto de Deus: “Deus viu que isto era muito bom!” (Gn, 1, 18; *Laudato Si*, 65).

É importante observar como a *Laudato Si* se ocupa em apresentar a dignidade de todas as criaturas: os outros seres não são meros objetos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano. Resgatar a bondade da criação exige reconstruir uma relação integradora entre pessoa e natureza, superando toda atitude de exploração, domínio e injustiça (*Laudato Si*, 82). O conjunto de

tudo criado ajuda a compor a harmonia do amor de Deus presente no mundo. A natureza é um manancial incessante de encanto e reverência: permanentemente está revelando o divino (*Laudato Si*, 85). O Papa lembra que cuidar do mundo e dos animais não deve ser motivo para esquecer a dignidade específica do ser humano, exigindo uma luta constante contra tudo que desqualifica e destrói seus valores e direitos. Estar em comunhão com a criação, como diz o Papa, deve ser, sobretudo, comunhão com o próximo (*Laudato Si*, 89s).

Outro aspecto marcante da Encíclica é o que vai de encontro ao propósito de uma antropologia teológica completa: tudo está interligado (BAKKER, 2016, p. 165), ou seja, as ideias de processo e sistemas tão fervilhantes na física contemporânea se fazem presentes no projeto de Francisco. Claramente é notável um filete chardiniano na proposta do Papa; toda a dinâmica evolutiva do universo leva a uma sinergia permanente de todos os seres unificados em Cristo (CHARDIN, 1974, p. 154s). Identifica-se a conexão unificadora de cada ser, nada está isolado, mas converge para um único fim: o Criador. Para Chardin, o ponto conclusivo do “Omega” é Deus, pois Ele é o Princípio absolutamente último, isto é, o único verdadeiro “Omega” (CHARDIN, [s.d.], p. 157).

A centralidade Cristológica da Encíclica reforça o pensamento de Rahner. Para o teólogo jesuíta, toda antropologia encontra seu verdadeiro sentido na cristologia, pois em Jesus Cristo se nos revela a plenitude antropológica do ser humano (FEINER; LÖHRER, 1969, p. 349s). Jesus vivia a plena harmonia com a criação, mostrava um modo integrado entre vida corporal e espiritual, com esse modo de compreender afastava-se das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades desse mundo (*Laudato Si*, 98). Ele é o Logos a tornar-se matéria (Jo, 1,14), inserindo-se no universo criado (*Laudato Si*, 99).

Finalmente o texto aponta para uma espiritualidade ecológica, um modo de vida que não seja mais predador e destrutivo, mas de reverência perante a vida, buscando a dignidade, sustentabilidade e justiça (*Laudato Si*, 207). Uma espiritualidade de abertura rumo ao outro, rompendo com o egoísmo

e a autorreferencialidade. O Papa lembra: “Se os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornam tão amplos, a crise ecológica é um apelo interior” (*Laudato Si*, 217), ou seja, não há como resolver os problemas ecológicos até quando não resolver os problemas antropológicos; uma espiritualidade cristã autêntica favorece a realização de toda a criação.

O homem integrado e integral, conforme fala o Papa, torna-se pessoa alegre, humilde e pacífica diante do outro e diante do mundo. O Bispo de Roma recorda novamente o *Pobre de Assis*, que amorosamente soube integrar em sua vida toda a beleza e mistério da criação (*Laudato Si*, 218). Somente o amor possibilita grandes coisas, ; ele é a chave para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa; ele é a norma suprema do agir. Ele possibilita a cultura do cuidado e unifica nosso coração ao coração do Criador, isto é, o projeto de Deus torna-se projeto do ser humano, sendo que pelo amor Deus unifica ao compasso de seu próprio coração todo o mundo das criaturas (PANNENBERG, 1993, p. 694).

Considerações finais

Por muitos o Papa Francisco é visto como alguém totalmente reformador, revolucionário. Há aqueles até mesmo a vê-lo como alguém herege etc. Às vezes, há aqueles que querem colocá-lo como alguém diferente ou até mesmo adversário de seu antecessor na forma de governar a Igreja. Os que procuram compreender de fato seu apostolado, podem perceber que não há nada de novo e ao mesmo tempo muito na sua forma de agir! Podemos nos perguntar: em que Francisco mexe tanto com certos seguimentos eclesiais? Ao fazer uma retrospectiva histórica da Igreja, podemos ver que em certos seguimentos ficou esquecido o modo simples e profético de viver a mensagem e o seguimento de Cristo; ficou esquecido o testemunho de uma Igreja voltada para o ser humano, solidária, pobre e acolhedora. Uma Igreja verdadeiramente mãe, como falava De Lubac.

A Igreja atual enfrenta traumas horríveis no que se refere ao uso indevido do poder, do dinheiro, bem como da autoridade. Os abusos e casos de pedofilia conflitam desastrosamente com a mensagem do evangelho. Francisco, de forma corajosa e inovadora, mostra-se provocativo: convida o cristão a voltar-se ao sentido original do cristianismo, buscando superar toda estrutura de mazelas; propõe uma cúria romana mais transparente, menos com cara de corte, mais cristã, sem corrupção. Certamente, trata-se de desafios colossais, mas, corajosamente, guiado pelo Espírito, ele vai atuando para a Igreja resgatar, cada vez mais, sua natureza original: Jesus Cristo.

A Igreja não está situada nas nuvens. Ela é humana, marcada pelas misérias e virtudes. Quanto mais santos forem seus membros tanto mais ela será santa. Nesse aspecto, a abordagem antropológica de Francisco toca na raiz do problema eclesial. A grande maioria dos problemas enfrentados hoje: como poder, riquezas, abusos, tudo tem sua base em elementos antropológicos conflitivos, mal resolvidos. Quando o Papa trata e busca propor uma antropologia integral como valor cristão e eclesial, ele consegue tocar a raiz dos problemas que assolam a vida cristã. Só teremos uma Igreja profundamente arraigada no evangelho quando tivermos homens e mulheres profundamente humanos e integrados.

Referências

A BÍBLIA - Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola; Paulinas, 1995.

AQUINO, Júnior Francisco de. *Nas Periferias do mundo: fé, Igreja, sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2017.

AQUINO, Júnior Francisco de. *Teologia do Papa Francisco: Igreja dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.

BAKKER, N. J. *Laudato Si: rumo a uma nova antropologia*. In: REB, Petrópolis, volume 76, numero 301, p. 158-170, Jan\Mar. 2016.

BEOZZO, Oscar José (Org.). *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BORMANN, Franz-Josef; IRLNBORN, Bernd (Hg.). *Religiöse Überzeugungen und öffentliche Vernunft: Zur Rolle des Christentums in der pluralistischen Gesellschaft*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 2008.

CARLOTTI, Paolo. *La morale di para Francesco*. Bologna: EDB, 2018.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: *Constituições, decretos, declarações*. 29ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

CELAM. *Conclusões de Medellín: II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. São Paulo: Paulinas, 1977.

CELAM. *Documento de Aparecida - Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília, São Paulo: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2008.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *Ciência e Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

CHARDIN, Pierre Teilhard. *O Lugar do homem no universo*. Lisboa: Presença, (s.d).

DE LUBAC, H. *Méditation sur l'Église*. Paris: Aubier Montaigne, 1968.

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: O rosto da misericórdia - Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. *A Alegria do Evangelho - Exortação Apostólica*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Misericórdia et Misera: Carta Apostólica no termino do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o amor na família*. São Paulo: Paulinas, 2016.

FEINER, Johannes; LÓHRER, Magnus. *Mysterium Salutis: Manual de Teologia como História de la Salvación*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1969.

GESCHÉ, Adolphe. *Cosmologia e antropologia*. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/assets/Pdf/Post/cosmologia-e-antropologia.pdf>. Acesso em 20 de maio 2019.

GONÇALVES, Lopes Paulo Sérgio; BOMBONATTO, Ivanise Vera (orgs.). *Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

GÓZDŹ, Krzysztof. *Jesus Christus als Sinn der Geschichte bei Wolfhart Pannenberg*. Regensburg: Friedrich Pustet, 1988.

HENRIQUE, C. de Lima Vaz. *Escritos de filosofia III: Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.

HENRIQUE, C. de Lima Vaz. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

JOÃO XXIII, Papa. *Humanae Salutis: Constituição Apostólica para a convocação do Concílio Vaticano II*. Libreria Editrice Vaticana, 1961. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/John-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em 20 de junho 2019.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Lisboa: edições 70, 1997.

KANT, Immanuel. *Kritik der praktischen Vernunft*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2003. Disponível em: https://www.buecher.de/shop/kant-immanuel/kritik-der-praktischen-vernunft-ebook-pdf/products_products/detail/prod_id/37728772/. Acesso em 20 junho 2019.

KERN, Walter; POTTMEYER, Hermann Josef; SECKLER, Max. *Handbuch der Fundamental Theologie: Traktat theologische Erkenntnislehre - Schlussteil Reflexion auf Fundamentaltheologie*. Friburg, Basel, Wien: Herder, 1988.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

MESSORI, Vittorio. *Rapporto sulla Fede: a colloquio con il cardinale Joseph Ratzinger*. Milano: Paoline, 1985.

MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.

MIRANDA, Mario de França. *A Reforma de Francisco: Fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, Mario de França. *Uma Renovação Eclesial que brota do Espírito Santo*. In: REB, Petrópolis, vol. 75, n. 297, p. 88-104, jan\mar. 2015.

MOIGT, Joseph. *L'Esprit du Christianisme*. Paris: TempsPrésent, 2018.

PANNENBERG, Wolfhart. *Christentum in einer Säkularisierten Welt*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 1988.

PANNENBERG, Wolfhart. *Faith & Reality*. Philadelphia: The Westminster Press, 1977.

PANNENBERG, Wolfhart. *Grundfragen systematischer Theologie*. Gesammelte Aufsätze. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.

PANNENBERG, Wolfhart. *Grundzüge der Christologie*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1976.

PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*. Band III, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993).

PORTELLA, Amado Joel; AGOSTINI, Fernandes Leonardo (Orgs.) *Evangelii Gaudium em Questão: Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo, Rio de Janeiro: Paulinas e Editora PUC Rio, 2014.

RANER, K. *Vaticano II: Um Começo de Renovação*. São Paulo: Herder, 1966.

TAYLOR, Charles. *Uma era Secular*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

Trabalho submetido em 29/08/2019.

Aceito em 09/10/2019.

Romildo Henriques Pinas

Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1995). Formado em Teologia pelo ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino). Diplomado em Teologia pela Pontifícia Studiorum Universitas Salesiana - Roma. Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2007) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2012). Email: romildo@salesiano.br